

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recebel-o na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2\$000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno II.

Theresina 5 de Janeiro de 1870.

Numero 31

O AMIGO DO POVO.

Theresina, 4 de Janeiro de 1870.

Registremos uma miséria da corte.

A 25 de novembro do anno da graça de 1869, quadragésimo oitavo do baixo imperio, e 29.º do glorioso e moralissimo reinado de Mahmoud 2.º — acontecêo uma bella cousa, por occasião de inaugurar-se a linha de carros de São Christovão ou a *Street-Railway*.

Era um dia de verdadeira festa para o PROGRESSO MATERIAL da Byzancio americana!

Havião innumerados convidados; entre os quaes notava-se o *grão senhor*, tão deslumbrante que não se podia fixal-o: dir-se-hia que o sol baixára á terra e se dignára tocar n'ella com seus pés radiantes!

Comêo-se e bebêo-se na festa, como quasi sempre

Ao cabo de dois dias, uma *potencia guttembergica* teve a feliz lembrança de fazer uma linda descripção do regabofe de *saudosa recordação*: vio-se então no « *Jornal do Commercio* » este trecho monumental que, sem duvida, terá de figurar mui vistosa-mente na chronica das folhinhas do Laemmert:

« SERVIU-SE UM ALMOÇO Á SUA Magestade no sobrado, e aos mais convidados em uma das cocheiras. »

Até ahi a chronica: agora vamos adiante, *ad perpetuam rei memoriam*.

Entre aquelles que estiverão na mangedoura da *Street-Railway* contava-se o vizir Naz'Anta-Grand; bem como o principal redactor do *sisudo* jornal, considerado justamente como o *bazár* da letra redonda!

Oh! Quanta honra para esses senhores, *calçados* de luvas brancas!

E' bem lembrada a anedocta referida pela « *Reforma* » numero 166, á proposito da comezaina na estribaria. Não pedemes resistir á tentação de fechar este artigo com a transcripção della.

Eil-a.

« O rei de Hespanha quando jurou a constituição, em 1820, viu a sua carroagem puxada por hespanhóes, cuja lista nominal foi publicada com a epigrapha — relação das pessoas que *tiveram a honra* de puxar a berlinda do rei.

« Um jornalista, transcrevendo a lista, accrescentou: *esta honra, la tiennen todos los dias los mulos de la casa reale.* »

Estamos na Turquia!

Quarenta e oito horas depois que o sultão havia comido ambrosias e bebido nectar lá perto do céu, n'um certo *kiosque*, em quanto as alimarias pastavam estúpida e pacificamente nas cocheiras que se lhes destinára, servindo-se todavia de facas e garfos, — como se fossem *homens*; a desolada patria, a viuva da liberdade, a bella captiva do despotismo, memora-va o 62.º anniversario natalicio d'um filho querido, e pranteava-o ainda no 40.º dia de sua morte!

A grande capital mirava-se, envergonhada e lacrimosa, nas aguas reverberantes do Guanabara esplendido, — o Bosphoro d'America!

Era o 23.º dia da lua de Dulkaiadath (27 de novembro) do anno 2.º da *hegira* constitucional brasileira.

Bibianopolis era aquecida *physicamente* pelos dourados raios do sol, em sua magestosa passagem pela brilhante casa do ardente Sagitario; em quanto que as pupillas d'aguia do soberano successor dos califas — aquecia *moralmente* a capital do imperio.

As meias luas ornavão as extremidades superiores dos esguios *minaretes*: todos os crentes proclamavão que *Allah* era o unico e verdadeiro Deos, e que Mahomet era o seu propheta querido.

A *Stambul* do novo mundo estava profundamente *adormecida*; posto que (como é isso admiravel!) assaz RUIDOSA E DE OLHOS BEM ABERTOS! !

La na rua do « *Ouvidor* » comprava-se, como de costume, a peso de ouro, as soberbas sedas do levante e os exquisitos perfumes do oriente; as formosas *odaliscas* do HAREM, chamadas no occidente « *damas do paço* » abrião graciosamente os seus leques de ouro e perolas, de sandalo e diamantes!

As *huris* da terra, proxima á hora da sesta, sorrião-se indolentes e voluptuosas

Frequentava-se os afamados *cafés*; vendia-se nos vastos *bazares*; pedia-se hospedagem nos espaçosos *caravançaras*; transitava-se uas multiplicadas ruas e nos amplos *meidans*

Tudo presagiava um dia *felicissimo*, de obediencia passiva, de tranquillidade inalteravel. O estandarte do propheta, cuidadosamente enrolado, deno-

tava paz perfeita no interior,—quasi-paz no exterior.

O que mais se podia desejar?

Entretanto, o *kiaia-bey* (ministro do imperio) segundo refere o n.º 467 da « Reforma » lembrou-se que seria bom, para maior felicidade do povo, escrever um *regulamento de instrucção* na lamina dos sabres dos janizaros,—a imitação do que se vê nas cimitarras agarenas, que tem escriptos versículos do Alcorão.

Dito e feito!

Para experiencia da maravilhosa invenção, tratou-se de acutilar os jovens estudantes do imperial *medressé* (collegio) de Mahmoud 2.º—os quaes terião talvez blasphemado a respeito do EDIFICANTE PASTO da *Street-Railway*!

Houve parodia do heroismo de Herodes: deo-se ordem para a matança dos innocentes! O republicano nazareno deve ter, porem, escapado miraculosamente....

No meio da refega que assaltou aos valorosos meninos; apparece de repente—a sombra de Leonidas ou a de Gedeão ou a de Winckelried: Silveira Martins á frente de 300 *indomaveis*!

Oh! mocidade! Quanto és briosa, cheia de fé e esperança!

O mineiro *Alexandre* faz prodigios de valor, e Silveira Martins conquista os corações dos mancebos que admirão a sua eloquencia assombrosa!....

O terror chegou então até á medula das tibias de Mahmoud 2.º, a dar-se credito a certo folhetim de um celebre *vizir* romancista, publicado no jornal « Hegira » ou 16 de julho, e no « Bazar das letras » ou jornal do commercio.

Desenrolado o estandarte do propheta, o imperio foi salvo, a ordem restabelecida,—a paz firmada para sempre....

A mocidade ainda espera, porem, por um novo 7 de abril.

Não desanimemos!

Camara municipal.

SESSÃO EXTRAORDINARIA DO DIA 15 DE DEZEMBRO.

Presidencia do Sr. Elvas.

O Sr. Elvas—(agitando a campainha). Convoquei a *cambra esturdinaria* para se *cumprir* as ordens do ministro e as do presidente da provincia, e tambem dirigi uma *emoção* de pesar ao Sr. Dr. Simplicio, porque, o correio trouxe a noticia de que o governo mandou *enzicutá* a leis que elle suspendeu, per isso os Srs. vereadores,—vejão e digão alguma cousa.

O Sr. Abreu—(peço a palavra).

O Sr. Elvas—Tem a palavra.

O Sr. Abreu—V. S. dá licença que falle mesmo assentado?

O Sr. Elvas—Sim, sim....

O Sr. Abreu—Descordo inteiramente com a idéa

da moção, não só porque V. S. sabe que nas sessões extraordinarias das camaras, só se trata dos negocios para que forão especialmente convocadas, como porque,—entendo ser um verdadeiro *espicha*—envolver-se a camara em questões desta ordem.

Todavia, se algum Sr. vereador indicasse que este negocio fosse tratado em uma sessão especial, eu não duvidaria em annuir a isso, mas na sessão de hoje—voto contra.

O Sr. José Felix—Pois se é esta a duvida, eu apresento a indicação:—lá vai!...

(Mette a mão no bolso, procura, e nada encontra, até q' afinal o Sr. Elvas dá-lhe um papel para ler.)

Aqui está....

(Lendo a moção, o Sr. José Felix titubêa ao dizer: anar...anar...nar...chi...chi...ca...)

O Sr. Elvas—(soccorrendo-o) *anarchica anarchica*!...(1)

O Sr. José Felix—E' esta a minha indicação.

O Sr. Elvas—Os Srs. vereadores já virão, agora decidão....

O Sr. Paiva—Não acho nisto nada de inconveniente, agora o que não acho bom é que se offenda aos adversarios deste modo. Com algumas modificações neste sentido até é mesmo de utilidade!

O Sr. Elvas—*Apois entonces*, V. S. passe a vista e emende tudo.

O Sr. José Felix—(aparte ao Sr. M. da Paz) O Elvas já começa com adulação!...

O Sr. Domingos Pedreira—Eu tomara que Vcs. nunca me mandem chamar p'ra suas *bandaeiras*; eu já fui processado uma vez, e c'os diabos não quero ser mais outra vez!...

O Sr. Paiva—(lendo) Acho que assim fica melhor: em vez das palavras —*sevandijada, anarchica e pernicioso*, diga-se: partidaria e prevenida; e aqui, onde trata da unanimidade, substitua-se dizendo—por maioria de votos,—visto como o nosso amigo Abreu, pelo que parece, votará contra.

O Sr. José Felix—Pois bem... (aparte para o Sr. M. da Paz). Este mestre pensa que isto—é *dipolomacia*....

O Sr. Elvas—Agora os Srs. vereadores digão alguma cousa... Sr. vereador, *aqui'stá* (entregando o papel).

O Sr. Abreu—Já disse o que pensava; depois, nada tenho que analysar nem modificar nesta carta ser-vil... sim, entendo que a camara, é intrusa neste negocio, pois não pode e nem deve atinar nenhum a censura a um acto justo, a meu ver, partido do governo imperial. Alem disto, o Sr. Dr. Simplicio, como vice-presidente, tornou-se um governo arbitrario e caprichoso, pelo que devia ter soffrido mais, como paga de tantas arbitrariedades e desmandes, dos quaes esta camara mesmo foi victima; por conseguinte, voto contra este papel sem nenhuma significação perante esta corporação.

O Sr. Paiva—Em vista das suas declarações, acho

(1) Esta phrase foi substituida pela de—prevenida—por indicação do Sr. Paiva.

conveniente que o Sr. se retire: é como amigo que lhe digo isto.

O Sr. Abreu—Ha dous minutos pensei assim; porem agora estou resolvido a ficar....

O Sr. Elvas—*Apois entonses*, meus senhores, *dicidimos*. Os Srs. que são da *pinião da emoção*, queirão *si alevantá*.

(Todos se levantarão, menos o Sr. Abreu.)

O Sr. Domingos Pedreira—Cá por mim, passou e tornou a passar.

Encerra-se a sessão.

Transcrição.

As almofadas sem franjas ou a salvação do Brasil.

(Conclusão.)

Que significa, de feito, esse interessante programma, em que tudo se acha definitiva e *exquisitamente* determinado, desde a *crôa de massapão*, *guarnecida de pastilhas*, os *preparos* necessarios para a *pensadura de sua alteza*, os *arheiros*, os *resposteiros*, os *reis d'armas*, os *arautos*, os *passavantes*, até a *agua quente* indispensavel para ser temperada pelo *medico da imperial camara* que tiver a honra de ser nomeado, e que *houer de servir no baptisado*?

Em que importa ao paiz a exhibição official desses personagens de obrigada e irrisoria cortezania, que são hoje em dia outros tantos *fosseis* no systema constitucional e representativo que nos deve reger?

Muito apreciaveis, e por ventura necessarios, em épocas de um regimen absoluto, ou para reinados taes como o de D. João V, ou o de D. Sebastião, esses figurantes da opera burlesca do absolutismo nada vem ao caso para os nossos usos monarchicos, e, por sua propria origem e essencia, estão condemnados a desapparecer d'uma vez na poeira dos seculos, que tende a dissipar, uma por uma, instituições ridiculas e pueris como estas.

Entretanto, n'um paiz constitucional, e n'uma época anormal, qual a em que nos achamos, quando todos vovem olhos inquietos para negocios de summa importancia, e do mais elevado alcance social e politico, occupa-se o ministerio do imperio—occupa-se o governo—com esses anachronismos da monarchia, e os vem trazer de presente á nação, como se foram esses os meios de salvar-a dos males que a perseguem!!!

Não contente com a *pensadura* e com o *massapão*, não satisfeito com ter indicado os *truões* da farça palaciana e cortezã n'esses ja desusados e hoje descabidos *reis d'armas*, *resposteiros*, *arautos*, *arheiros* e *passavantes*, foi até determinar que as *almofadas da ama de sua alteza* não hão de ter *franjas*!!

Eis o sublime do ridiculo em pleno seculo XIX, e á face de um paiz que se diz livre e independente.

Lá ao longe, na avelhantada Europa, um soberano d'altas ideias politicas, e que já repousa no seio de Deus, proserévêra, com verdadeira philosophia, e para bem de seus povos, o *beija-mão*, que a etiqueta diuturna havia consagrado como rito indispensavel para a vida ostensiva e official da monarchia; e entre nós quando se nos préga o progresso por toda a parte, se procura restabelecer e restaurar o ceremonial de absurdas funções regias!

E todo esse apparatus, que afflige e causa tedio ao brasileiro de coração, e sinceramente interessado na gloria de sua patria, é para solemnizar o baptisado de um filho da serenissima princeza, de um neto de um monarcha constitucional!

Que se faria de mais, que outras formulas da anachronica monarchia dos reis absolutos seriam prescriptas, determinadas e ordenadas, se se houvesse de levar á fonte baptismal um filho da herdeira presumptiva do throno?

Então viriam em tropel as *festas*, os *torneios*, as *naumachias*, os *amphitheatros*, e até os *outeiros*, para diversão do povo e desfado dos *repentistas*.

Surgiriam então, sem nenhuma duvida, os *autos na córte*, como nos bons tempos do Gil Vicente, ou talvez, por especial

decreto, reapparecessem, com todo o brilho da forma, os *jogos floraes* da celebre Clemencia Isaura.

Onde vamos nós com este governo de tão desfaçada adulação, e de tão miseraveis aduladores?

Para que essa *agua quente* que a etiqueta proclama como indispensavel no baptisado do principe?

Para temperar a *agua fria*, sem duvida, afim de que *sua alteza não constipe*!

A Igreja prescreveu a *agua fria* para ceremonias de semelhante natureza; e não consta—que o saibamos—um só exemplo de baptisando, a cuja saude prejudicasse, em tal caso, o uso d'*agua fria*.

Só ha uma hypothese em que a Igreja permite o uso da *agua quente*:—é quando o baptisando se acha em *imminente risco de vida*.

Serão, porem, os *filhos de principe*, as pessoas *reaes*, de tal natureza, que deêm sempre serios receios, quanto á sua existencia?

Só se é por isto...

Mas é que essa *agua quente* só devia ser temperada pelo medico da imperial camara, que tivesse a honra de ser nomeado; e convinha não poupar ainda essa demonstração palmar de *servilismo*.

O programma bem podêra dizer:—o *medico que fór designado para esta cerimonia*;—porem assim não resaltaria tanto o mimo de tão importante cargo, e se faltaria, por certo, a mais uma prescripção substancial da repugnante bajulação cortezã.

Os nossos homens do governo são demasiado adstrictos ás formulas do monarchismo, ainda as mais antiquadas e repulsivas; e, para que a salvação do Brasil possa de todo realizar-se, nos tempos calamitosos que vão correndo, era de mister que, alem das *almofadas sem franjas* para a *ama de sua alteza*, houvesse medico *especialmente honrado* com a real prerogativa de temperar a *agua* no baptisado.

Ainda para ficar salvo o principio da auctoridade, e completar a prosperidade nacional, era indeclinavelmente necessario declarar-se no programma que o vigario capitular, officiante do acto, seria o unico a conservar-se sentado, na qualidade de vice-capellão-mór; de maneira que, a não ser essa suprema dignidade, estaria elle constantemente de pé como os outros da festa.

Como chefe da igreja fluminense, como primeira auctoridade ecclesiastica, na qualidade de ordinario da diocese, *sede vacante*, o vigario capitular confundir-se-ia com todos os demais assistentes; e só o distinguia de todos, para o fim de estar sentado, a circunstancia de exercer as *funções de vice-capellão-mór*!

E tanto esta ideia predomina em todo o programma, com que os homens do poder mimosearam este paiz, que não menos de seis vezes se falla no vigario capitular, com relação ás suas funções no baptisado, e em todas ellas se acrescenta sempre, afim de evitar duvidas, a indispensavel clausula—*na qualidade de vice-capellão-mór*,—e talvez tambem para fazer mais saliente a prominencia do *principio governativo*!

Estão coherentes os homens do poder com a sua theoria: tudo para o governo, e pelo governo.

Se se não fizesse essa absurda ostentação de formulas tão desparatadas e repugnantes n'uma monarchia livre; se se não trouxesse mui de proposito para a praça publica esse apparatus ridiculo de ridiculas antigualhas do absolutismo, estava tudo irremissivelmente perdido, e a causa nacional condemnada a soffrer em sua propria dignidade!

Até onde nos quererão levar, com seu espirito de abominavel adulação, esses apostolos do liberalismo official, esses empalmadores de pastas, esses theoristas da afilhadagem e do nepotismo?

E' com essas mostras de extremo amor pelas usanças de tão reprovado cazarismo que hão de restituir a saude ao corpo social, e extirpar-lhe o cancro terrivel que o está correndo? E' como este e outros semelhantes *decretos* que hão de apres-sar o desenlace da nossa questão no Rio da Prata, restabelecer o nosso credito, reorganizar o curso dos negocios publicos, acelerar o movimento da industria, promover os melhoramentos essenciaes ao paiz, reconstruir o governo constitucional, que já vai tão destfigurado e adulterado em sua propria marcha?

E' com decretar que o principe, ao ser levado para a pia baptismal, seja recebido *debaiixo do pallio* e com esse mesmo ceremonial conduzido por todos para isso designados, que se hão de operar as reformas de que o paiz necessita, e obter-se a prosperidade para toda a nação?

Inqualificavel e absurdo uso é esse do pallio para receber uma creança, quando ainda não tem sido purificada nas aguas do baptismo!

Se a etiqueta é absurda, e de repugnante natureza, quando

se tracta do monarcha, é ella quasi sacrilega, se a querem applicar a um menino, embora de imperial progeie, que, antes de baptisado, é apenas um pagão!!

Triste regimem! Triste monarchia que precisa d'essas aberrações do bom senso, da piedade e do decoro publico, para poder existir, em face do *liberalismo* e do *progresso*!

Miseraveis liberaes, miseraveis progressistas os dominadores da situação que mediante *almofadas sem franjas, massapão, pensadura, archeiros, reposteiros, passavantes, arautos, reis d'armas e pallio para pagão*, nos querem fazer crer na possibilidade de salvar o paiz!

E' o regimen do absolutismo, com as suas mais deslavadas e repulsivas antigualhas: — é o predominio da cortezaniam com os seus titulos de servilismo e da mais estapida subserviencia.

E' tempo de reconquistar a nossa posição de povo livre.

A Providencia, primeiro que tudó, e, depois d'ella, o nosso mesmo monarcha, nos podem salvar nesta epocha de tanto desatino governativo.

Assuma S. M. o verdadeiro papel de soberano constitucional; repilla para longe de si os aduladores que são seus principaes inimigos e da patria; faça desaparecer d'uma vez para sempre essa récova insignificante de etiquetas e de usanças tão antiquadas quanto repulsivas de sua propria dignidade e da dignidade da nação; attenda seriamente para o nosso estado interno e externo; ponha-se á testa das verdadeiras reformas que o Brasil reclama; governe com ministros dignos deste nome, como deve governar um soberano em um paiz livre; e salve o Brasil, em quanto é tempo...

As *almofadas sem franjas* estão já fóra da moda: — não é com taes frandulages d'etiqueta palaciana, e de origem absolutista, que se hade salvar o paiz.

Parte Noticiosa.

Nunes Machado. — A 2 de novembro, celebrou-se em Pernambuco, na matriz de Sant'Antonio, em presença de grande numero de liberaes — um officio funebre, commemorativo do grande patriota e de seus companheiros de revolução.

O illustrado Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães recitou nessa occasião um notavel discurso, e o sempre inspirado poeta, Dr. Torres Bandeira, em sentidas estrophes espargio mimosas flores sobre a campa do heróe pernambucano.

Sentimos não ter espaço para transcrever agora esses bellos escriptos; o que talvez façamos a 2 DE FEVEREIRO, apesar da grande affluencia de materias, e expediente atrasado, que temos.

Almofadas sem franjas. — Concluimos hoje a transcrição do bello pamphleto de *Paulo Emilio*, cuja illustração folgamos de reconhecer.

Concordamos perfeitamente com as suas esclarecidas idéas a respeito da anachronica e irracional *etiqueta*; divergimos, porem, quanto á vantagem de continuarmos a ser governados por um monarcha, ainda que elle se compenetrasse de seus deveres. Todavia, respeitamos muito a palavra autorizada do illustre Parahybano; tanto que, não nos atrevemos a abrir notas em alguns topicos, como o penultimo paragrapho, de seu interessante folheto.

Paulo Emilio é monarchista sincero, porque julga possivel para o Brazil o governo d'Inglaterra e da Belgica: nós preferimos, porem, o dos Estados Unidos, do Chile, ou da Suissa.

Bio de Janeiro. — Dois são os factos, mais importantes, que se derão ultimamente na corte: o ministro da agricultura comêo *n'uma cocheira*, ao tempo em que seu rei e senhor regalava-se, aci-

ma d'elle, n'um sobrado! O segundo facto é a imaginaria *revolução republicana* dos estudantes do collegio de Pedro II, reanidos com alguns de medicina e da eschola central; o que servio de pretexto para a policia do Sr. Alencar desembainhar espadas contra a mocidade, levando-a a cutiladas e pranchadas!!!

Vamos ás mil maravilhas!

Chamamos a attenção dos nossos leitores para os artigos de fundo deste numero, a respeito d'aquelles factos.

Noticias curiosas. — Lê-se na *Opinião Nacional*:

— « Deu-se uma grã-cruz, e do Cruzeiro, a um RAPAZITO, filho da princeza D. Januarina. »

— « Um decreto baixou, que deve muito felicitar o paiz: assentou-se que os criados de galão amarello da casa do rei — usarão de CALÇAS AZUES em vez de brancas. Imperio de lacaios! »

Polvora — TRINTA E DOIS BARRIS entrarão para o deposito do Sr. Portellada, na rua Grande desta cidade, segundo somos informados.

E' provavel que no armazem não deixe de haver outros *objectos de commercio*, como bem — PHOSPHOROS.

Não é nada: são colchas e travesseiros para dormir-se um bom somno....

Felizes moradôres da rua Grande!

Praga. — Os *ratos* acabão com o pão dos que vestem fardas de panno ordinario; ao passo que estas desaparecem, graças á industria dos *guabirús*. E' preciso distinguir: os *ratos* grandes rôem mais do que os pequenos, assim como os *guabirús* maiores — são mais damninhos do que os menores.

Nós, que não somos gatos, nem temos ratoeiras, — contentamo-nos em lastimar a sorte dos que sofrem aquella praga.

Espora interessante. — A de Judas perdeu-se em *Marcão*, segundo as pesquisas archeologicas do jornal « Piauhy. »

Quem a teria achado?

Dizem que o capitão Themistocles viu-a, n'um certo logar, onde capturou um importante criminoso, no mez passado.

Affirma-se que quem vê a tal espora — não morre de raio, e é capaz de pescar coriscos com a mão!

Caroba. — A tiatara especialmente preparada pelo Sr. Eugenio Marques d'Hollanda, pharmaceutico ha annos estabelecido nesta cidade, vai produzindo effeitos maravilhosos.

Em Jeromenha acaba ella de dar a vida, por assim dizer, a um homem que era quasi cadaver, o capitão João Raimundo de Souza Guimarães, professor de 1.^{as} lettras da mesma villa.

E' um anti-syphilitico de extraordinaria virtude e tem a vantagem de se poder uzar d'elle sem alteração na alimentação habitual.

Iremos noticiando as curas extraordinarias, que chegarem ao nosso conhecimento, occasionadas pelo emprego da supradita preparação do Sr. Marques d'Hollanda.